

Entre camadas e cores: o processo de significação na Folia de Reis

Between layers and colors: the process of meaning in Folia de Reis

KARINA SOUSA¹

Pontifícia Universidade Católica, São Paulo - SP, Brasil

RESUMO

O estudo destaca a presença da cor na cultura, explorando seus aspectos simbólicos, artísticos, poéticos, físicos e fisiológicos durante as celebrações da Folia de Reis. Sublinha suas práticas na região do Triângulo Mineiro e a complexidade da festa, que envolve tradição, espetáculo e renovação. Explora também a interface entre fotografia e pintura, focalizando a criação artística por meio de figuras e/ou abstracionismos para analisar de que forma as cores contribuem para a criação de significados na festa, levando em consideração os elementos culturais locais e o ambiente festivo. Para expressar a riqueza cultural da Folia de Reis e salientar a importância da cor na construção de significados, a fotógrafa-pesquisadora utiliza registros fotográficos, com a técnica de sobreposição, marcando a autonomia criativa na pós-produção das fotografias, ressignificando as imagens em composições barroquizantes.

PALAVRAS-CHAVE

Fotografia, cor, folia de reis, cultura popular, sobreposição

ABSTRACT

The study highlights the presence of color in culture, exploring its symbolic, artistic, poetic, physical and physiological aspects during the Folia de Reis celebrations. It highlights its practices in the Triângulo Mineiro region and the complexity of the festival, which involves tradition, spectacle and renewal. It also explores the interface between photography and painting, focusing on artistic creation through figures and/or abstractionism to analyze how the hidden cores are used to create meanings at the party, taking into account local cultural elements and the festive environment. To express the cultural richness of Folia de Reis and emphasize the importance of color in the construction of meanings, the photographer-researcher uses photographic records, with the overlapping technique, marking the creative autonomy in the post-production of photographs, giving new meaning to the images in baroque compositions.

KEYWORDS

Photography, color, folia de reis, popular culture, overlapping

1. Introdução

Este artigo emerge de uma pesquisa conduzida no Núcleo de Pesquisa em Pintura e Ensino (NUPPE) e no âmbito do doutorado em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, explorando a tradição cultural da Folia de Reis na região do Triângulo Mineiro. O objetivo central é desvelar a intrínseca relação das cores com a festa, explorando seus aspectos simbólicos, artísticos, poéticos, físicos e fisiológicos. Ao mergulhar nas camadas do território lúdico-festivo,

¹ Doutora no programa de Pós Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP) em 2023.

através de registros fotográficos capturados pela pesquisadora durante suas imersões na Folia, pretendemos não apenas documentar, mas decifrar como as cores participam ativamente na criação de significados durante essa celebração única.

A Folia de Reis, originada em rituais medievais e trazida para o Brasil no século XVII através dos "autos de Natal", desenha um panorama cultural complexo e multifacetado. Comemorada nacionalmente em 6 de janeiro, o "Dia de Reis," a festa é uma manifestação popular que se desdobra em diversas derivações, cada qual com suas peculiaridades regionais. No escopo desta pesquisa, concentramo-nos na região do Triângulo Mineiro, delimitada pela experiência de vida da pesquisadora desde a infância, destacando principalmente os ritos praticados em Uberlândia e localidades vizinhas.

Ao compreender a diversidade de como cada região do país vivencia essa cultura popular, direcionamos nossa análise para os rituais específicos da região de Uberlândia e adjacências, que moldaram nossa própria história. A Folia de Reis, além de ser uma expressão de crença, é uma manifestação dinâmica, combinando tradição e espetáculo em uma renovação constante. Através desta pesquisa, buscamos não apenas entender, mas também destacar a relevância das cores no processo de criação e manutenção dessa tradição, explorando-as como elementos-chave na construção de significados na cultura festiva.

2. Folia de Reis

Iniciando com uma breve contextualização, considerando que a Folia de Reis é a fundação do trabalho fotográfico em questão, é importante destacar que a Folia engloba uma variedade de elementos culturais e religiosos, como cânticos, música, dança e trajes característicos. Para desvendar os matizes culturais e religiosos subjacentes a essa festividade, torna-se essencial examiná-la por meio das diversas fontes que a compõem. Contudo, nosso entendimento sobre sua origem e evolução ao longo do tempo é fragmentado, baseando-se em rastros e vestígios deixados ao longo da história. A narrativa não se configura como um documento linear, mas sim como uma representação complexa.

A assertiva de Ginzburg (2006, p. 40) ressalta de maneira perspicaz que nosso entendimento do passado é, por natureza, inevitavelmente permeado pela incerteza, descontinuidade e lacunas, fundamentando-se em uma confluência de

vestígios. Esta citação detém particular relevância ao abordar a complexidade intrínseca à tradição da Folia de Reis.



Figura 1. Karina Sousa, Foliões, 2017, Fotografia digital.
Fonte: Fotos da artista.

O entrelaçamento de culturas, provenientes tanto do continente europeu quanto das tradições africanas e indígenas, configura-se como um processo intrincado e multifacetado que se desdobrou ao longo dos séculos. Conforme observado por Monegal (1979, p. 407), as manifestações de carnavalização recíproca, instigadas pelo conflito entre culturas heterogêneas, solidificaram-se como o substrato essencial de uma cultura latino-americana.

As influências culturais dos imigrantes, ao serem assimiladas, convergiram com as tradições locais, transformando-se em pontos de confluência. Coutinho (2008, p. 20-21) destaca esse processo de adaptação e metamorfose ao enfatizar que o homem resultante desse extenso processo de mestiçagem e aculturação, particularmente no contexto brasileiro, não podia expressar-se mediante os mesmos códigos linguísticos europeus. Assim, ele os transformou, adaptou-os e os condicionou às novas necessidades expressivas, assim como se ajustou às novas realidades geográficas, culinárias, ecológicas e às dinâmicas sociais e relacionais. Essa adaptação, evidente em todos os aspectos da vida, demonstra a capacidade de ajuste do homem às transformações culturais, dando origem a novos sentimentos, atitudes e modos de comportamento.

O propósito ao trilhar esse breve percurso é destacar a marcante mestiçagem cultural inerente à formação da folia. Sublinhamos que "qualquer estrutura cultural não apenas obedece às leis do autodesenvolvimento, mas também está sujeita a colisões multifacetadas com outras estruturas culturais" (Lotman, 1999, p. 96). A folia emerge

como um paradigmático exemplo desse processo de colisão, adaptação e transformação cultural.

A tradição de venerar e celebrar santos católicos resulta de uma série de fatores que se desenvolveram após a instituição do cristianismo e das interações culturais decorrentes desse processo. As festividades, em suas diferentes formas regionais e nacionais, apresentam nuances distintas que as aproximam e as diferenciam. No entanto, não existem características fixas e universais que possibilitem uma classificação rígida e inflexível. Tudo isso se originou de fatores como o contato entre o Ocidente e o Oriente, o processo de colonização, evangelização e catequização, miscigenação, sincretismo, assimilação e imposição, além de questões relacionadas a crenças, superstições, magia e fé.

Quando os foliões e devotos evocam o acontecimento, estão manifestando a herança cultural por meio de gestos, música e culinária. Nesse momento, a festividade assume características típicas do cotidiano regional, pois está intrinsecamente ligada à experiência popular e à capacidade das comunidades de criar e recriar. Conforme Brandão (1987, p. 30), as celebrações como a Folia de Reis se tornam "expressões do material, do saber, do agir, do fazer popular". A folia revive o tempo por meio de seus mitos.

3. Intersecção entre fotografia e pintura

A invenção da fotografia no século XIX provocou mudanças profundas nas artes visuais, desafiando artistas a reavaliarem suas práticas e a explorarem novas formas de expressão. A transição do domínio exclusivo da pintura para a inclusão da fotografia como meio artístico teve repercussões significativas. A capacidade da fotografia em congelar instantes e detalhes impactou a busca pela representação precisa da realidade, provocando uma revisão das práticas artísticas. A fusão de técnicas fotográficas na pintura e vice-versa refletiu uma busca por formas inovadoras de expressão. A abstração e experimentação, influenciadas pela fotografia, desafiam a representação literal, permitindo aos artistas explorar outros conceitos. A manipulação da realidade em ambas as formas de arte destaca a capacidade dos artistas em escolher elementos, alterar cores e formas para transmitir perspectivas técnicas, estilísticas e conceituais. Essa interação entre pintores e fotógrafos revela uma convergência de preocupações estéticas e narrativas.

Na nossa pesquisa, a concepção para o desenvolvimento do trabalho fotográfico em sobreposição originou-se a partir de uma inspiração na pintura, na qual as camadas de tinta se sobrepõem na tela. De camadas de tinta para camadas de fotografias. Nesse processo, as fotografias adquirem certa abstração sem renunciar ao caráter figurativo. Na sobreposição, mesmo que as formas ainda permitam identificar os elementos, um ambiente modificado é gerado, estranho ao olhar, não favorecendo o reconhecimento automático dos referentes.



Figura 2. Karina Sousa, Personagens, 2023, Fotografia digital.
Fonte: Fotos da artista.

No encontro entre a fotógrafa e a celebração festiva, emerge uma fruição que convoca e partilha a dimensão da experiência vivenciada, revelando-se por meio de significados, deslocamentos de sentido e da apreensão da realidade capturada pela fotografia. Desse modo, instaura-se uma provocação sensorial que redefine a realidade cotidiana, proporcionando uma nova e enriquecedora experiência. A interseção entre o labor da fotógrafa e a abordagem da pesquisadora resulta em um exercício de confrontação e reconhecimento, onde o espaço compartilhado representa uma tentativa de assinalar uma específica "brasilidade", em consonância com a nossa "latinidade".

A prática fotográfica se insere em um processo contínuo, destituído de um ponto de origem ou destino claramente definidos. Dessa maneira, as interações relacionadas a experimentar, vivenciar, e observar fotografias, bem como explorar culturas e lugares, convergem nessa complexa construção. Conforme alertado por Irene Tourinho e Raimundo Martins (2011, p. 54), "o ato de visualização não ocorre em um vácuo cultural; ao contrário, sempre se desenvolve em um contexto, sendo

que esse contexto direciona, influencia e/ou transforma aquilo que percebemos". Entretanto, a fotografia representa uma construção mediada tanto por um aparato mecânico quanto pelo olhar subjetivo do fotógrafo. Nesse contexto, é crucial ressaltar que as fotografias não possuem a natureza de apresentar uma verdade, desfazendo-se do conceito de mimese. A câmera fotográfica não funciona como uma reprodução neutra e, em nenhum momento, reproduz de forma fidedigna a realidade, apenas sugere alguns indícios do que foi capturado. Em sua origem, a fotografia é uma forma de abstração, não devendo ser considerada como uma verdade ou uma representação análoga à natureza, conforme esclarece Villém Flusser (2002).

Dubois (1993) aprimora essa concepção da fotografia como índice, esclarecendo que não é imperativo que a fotografia se assemelhe ao objeto capturado. A relação de semelhança, inerente ao ícone, não precisa estar presente em todas as fotografias para que estas se configurem como rastros ou índices. Ser um índice, um rastro, não demanda a reprodução visual exata do objeto fotografado, ou seja, não implica em uma semelhança visual direta.

A técnica fotograficamente assimilada é utilizada para enriquecer narrativas e expressões subjetivas, oferecendo uma reinterpretação da realidade por meio das imagens capturadas. Além de serem entendidas como registros, as fotografias desempenham um papel significativo na construção do imaginário social, proporcionando um espaço para interpretação onde os espectadores podem construir contextos de acordo com seus repertórios individuais. A fotografia é reconhecida não apenas como um meio de registro, mas também como um instrumento gerador de significados no processo de construção do imaginário social. Isso se reflete nas festas e rituais que compõem a Folia de Reis, nas fotografias documentais dessa manifestação, e na disposição à experimentação fotográfica, que pode revelar novas perspectivas e aspectos dos eventos relacionados à Folia de Reis, oferecendo assim outras possibilidades discursivas dentro desse mesmo imaginário social.

Distanciando-nos da perspectiva instrumentalista e dos critérios formais que concebem a imagem como algo intrinsecamente puro, singular e livre de interferências, nossa intenção é ressaltar as transições e os atravessamentos que desviam a narrativa em direção a uma temporalidade diferenciada e multidirecional, intrínseca ao processo de carnavalização. Este fenômeno se revela na fusão que abarca elementos corporais, objetuais, sonoros e visuais da festividade. Almejamos, assim, uma abordagem sensível na elaboração das imagens festivas. Sem

desconsiderar as camadas tecno-simbólicas incorporadas na câmera fotográfica e nos programas de edição, nossa abordagem transcende o âmbito técnico e conteudista. Buscamos instaurar indeterminações em vez de nos atermos ao mero automatismo, visando distorcer, subverter e reinventar os limites das imagens cotidianas, rompendo ou conferindo maior elasticidade e ludicidade às suas fronteiras. Uma fuga da linearidade.

Através da manipulação durante o processo de pós-produção das fotografias, ao documentar a natural transformação do ritual, a cor se torna uma substância que traduz os valores da festa, conferindo intensidade e amplitude discursiva, que resulta em uma autonomia plástica, com imagens que dialogam e se movem por si mesmas.

4. A cor na folia

O que chamamos de “cor”, na verdade, é o resultado perceptivo do comportamento físico dos corpos em relação à luz que incide sobre eles e, como tal, uma propriedade de cada um desses corpos. Cada planta, em razão dos seus constituintes materiais, absorve e reflete de uma maneira particular os raios de luz e, por isso, produz a sua própria gama de verdes. Já as emulsões fotográficas, por serem constituídas de outros materiais, produzem outra gama de verdes. Por essa razão, é quase impossível ter numa foto exatamente as mesmas cores de uma paisagem. A cor fotográfica será sempre, pelo contrário, uma interpretação da cor visada, a partir dos próprios constituintes materiais do filme. (MACHADO, 2000)

Em linhas gerais, o processo de percepção cromática se configura pela absorção da luz pelo sistema visual, sua subsequente transformação e transmissão ao cérebro como informação cromática, culminando na decodificação de significados e simbolismos. Conforme delineado por Silveira (2011, p.7), este processo engloba a intrincada interseção de aspectos culturais, simbólicos e psicológicos das cores com os elementos fisiológicos e físicos, exercendo, assim, uma influência marcante na interpretação das circunstâncias.

Trazendo para o contexto de nossa pesquisa, a cor se apresenta como um componente intrínseco à festividade, gerando estímulos que ultrapassam a análise superficial e o mero aspecto estético. Dessa premissa decorre sua penetração no âmbito dos significados. Nas fotografias de Folia de Reis, a presença das cores não apenas reflete a vitalidade da celebração, mas transcende ao representar a vigorosa miscigenação da natureza. Essa presença é simbolizada pelo amarelo-açafrão-solar, pelo azul-das-vestes-celeste, pelo verde-couve-floresta, pelo branco-esfumado-

nuvem, pelo preto-nossa-senhora-indígena-africano, entre outras relações cromáticas.

Nessa conjuntura estética e técnica, as combinações entre as fotografias revelam uma dinâmica semelhante a uma marchetaria digital, um mapeamento que evidencia a acumulação de linguagens e expressões. A montagem dialética das fotografias suspende a temporalidade sequencial e abre espaço para a exploração da plasticidade dos signos, liberando a visualidade das correspondências predefinidas. Surge, assim, um fluxo de imagens inquietas e transitórias, um jogo de ressonâncias que estabelece uma lógica da multiplicidade, imprimindo um ritmo por meio de uma mistura criativa que integra fragmentos, fluxos, contornos, repetições e relações simbólicas.



Figura 3. Karina Sousa, Folia, 2023, Fotografia digital.
Fonte: Fotos da artista.

Contemplando a festividade em toda a sua dinâmica, plasticidade e complexidade multifacetada, introduzimos na prática fotográfica a abordagem de manipular as imagens em camadas, empregando sobreposição para evidenciar nuances de cores, reflexos, inconsistências e inacabamentos. Nesse contexto, torna-se evidente que, no domínio das representações visuais, a cor se configura como um dos elementos basilares na apreensão perceptiva humana. E, aprofundando no conceito de camadas, as fotografias em sobreposição alargam a rede de interconexões, buscando traduzir os modos de coexistência da celebração, enquanto os signos cromáticos atuam como ferramentas essenciais para discernir texturas, distâncias, temperaturas e os significados culturalmente atribuídos aos objetos.

Para além dos efeitos visuais, ocorre uma transformação nos significados das imagens. Ao intensificar ou reduzir os cromatismos, cria-se uma dramatização das cenas que reconfigura o campo da experiência. As cores presentes na Folia

desempenham um papel significativo, expressando-se nos ambientes, nas vestimentas, nos instrumentos, nos adereços e em todos os seus elementos constitutivos. As cores não apenas provocam, mas também afetam a experiência sensorial. Passemos então a alguns exemplos:

Na Dimensão histórica, tanto na fotografia quanto na pintura moderna, a cor deixou de ser submetida à representação fiel da realidade, passando a ser considerada portadora de significados intrínsecos. Na pintura, durante muito tempo, a saturação das cores foi associada à arte primitiva, enquanto uma baixa saturação e cores neutras eram indicativas de refinamento. Tomando um exemplo da história da arte, o retrato, que originalmente tinha como objetivo perpetuar a figura do retratado, neste trabalho é utilizado para transformar os corpos que compõem o cenário festivo.

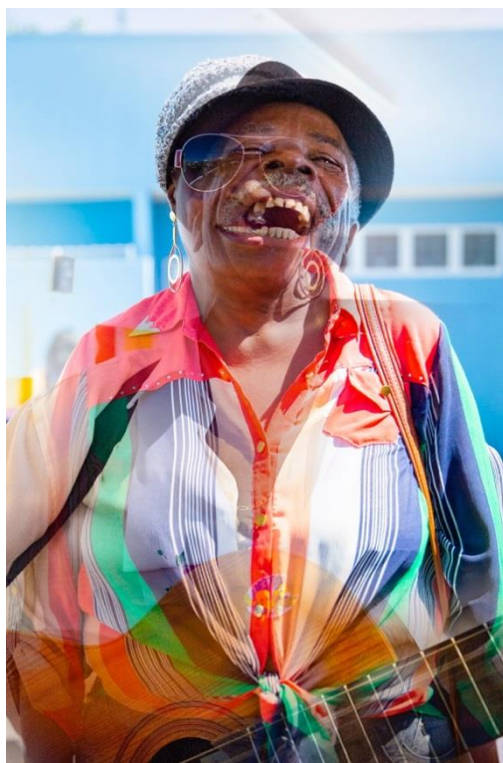


Figura 4. Karina Sousa, Folia, 2023, Fotografia digital.
Fonte: Fotos da artista.

Na Dimensão Simbólica, veremos como as cores desempenham papéis simbólicos na celebração da Folia de Reis, com foco especial na representação dos personagens, como os Reis Magos. Nosso objetivo é compreender como essas tonalidades simbolizam aspectos cruciais da narrativa cristã, conferindo à festividade uma camada profunda de significados espirituais. Na celebração da Folia de Reis, a interpretação simbólica da cor pode ser elucidada à luz da história dos próprios

protagonistas, os Reis Magos, que simbolizam o reconhecimento de Jesus pelos povos que o seguiam. Ao longo do tempo e no desenvolvimento narrativo, essas personagens adquiriram origens, nomes e status específicos, e estabeleceu-se a convenção de que eram três, correlacionando-se com o número de presentes, embora tais detalhes não estejam registrados no texto bíblico. Os nomes atribuídos aos Magos foram concebidos com base em virtudes cristãs específicas: Baltazar, cujo significado é "Deus manifesta o Rei", apresentou mirra ao menino Jesus, utilizando um manto vermelho para simbolizar o sacrifício de Cristo e a Ressurreição; Belchior, cujo nome significa "Meu Rei é Luz", ofertou incenso, destacando a divindade de Cristo e adornando-se com manto roxo ou verde para simbolizar a fé e a esperança; enquanto Gaspar, cujo significado é "Aquele que vai inspecionar", presenteou com ouro e vestiu roupas amarelas como uma alusão à realeza.

Também, dentro do contexto da Folia, diversos objetos possuem representações distintas, como coroas, arcos de bambu, toalhas usadas pelos foliões, o presépio, bandeiras, entre outros. As cores enriquecem essa conexão simbólica. A leveza é associada a tonalidades claras, enquanto a pesadez é atribuída às mais escuras, marcando uma característica de bipolaridade das cores, já que, dependendo do contexto, podem evocar estímulos negativos ou positivos. Segundo Tião Mapuaba, um folião de Uberaba,

não pode haver a cor preta na Bandeira e nem nos uniformes dos foliões. A cor preta em estandartes e nas vestes poderia lembrar a morte dos infantes mortos pela crueldade de Herodes. A bandeira, em sua esmagadora maioria, é azul (PEDROSO, 2003, p.86).

A Bandeira é confeccionada em tecido de alta qualidade, bordada à mão ou pintada a óleo, apresentando figuras de José, Maria e o Menino Jesus, assim como os Reis Gaspar, Baltazar e Melchior. Ela é hasteada em uma haste de madeira, posicionada à direita da pessoa que a empunha, e é decorada com fitas coloridas e brancas, esta última representando a paz. As outras cores possuem significados simbólicos específicos: azul representa a Virgem Maria e o céu, rosa é associado a São José, simbolizando amor e paciência, amarelo é a cor do ouro e símbolo da realeza, vermelho está relacionado ao fogo e ao incenso, simbolizando a purificação, enquanto o verde representa a mirra, símbolo do sofrimento (Barros; Rezende, 2011, p. 74)

Na Dimensão Artística, apreendemos a expressão que as cores conferem,

enriquecendo a estética visual da celebração, desde a seleção dos trajes até a ornamentação dos artefatos empregados nos rituais.



Figura 5. Karina Sousa, Folia, 2023, Fotografia digital.
Fonte: Fotos da artista.

No âmbito culinário, a combinação de cores quentes e frias desencadeia uma rede de associações positivas ou negativas. A cor tem a capacidade de estimular nossas sensações sinestésicas, ou seja, ao observar um alimento, experimentamos estímulos em outros sentidos, como o olfato. Além disso, as cores na culinária evocam memórias afetivas. No preparo dos pratos festivos, temperos como o açafrão são usados não apenas para proporcionar cor, mas também para agregar sabor à celebração.

Na Dimensão Física e Fisiológica, concentraremos nossa análise no impacto das cores no ambiente, na maneira como a escolha cromática influencia a percepção visual e a atmosfera física da celebração contribui para a criação de um espaço festivo envolvente, com base nos materiais utilizados na construção, desempenha um papel no comportamento das pessoas, proporcionando uma sensação de atividade, entusiasmo e energia à celebração. Destaca-se o colorido da arquitetura como um espaço simbólico efêmero, circense e festivo. Uma antiga lona de circo, com suas listras coloridas, é utilizada para criar a tenda que abriga a festa da Folia. Cortinas de TNT vermelho são empregadas como divisórias de espaços. Os instrumentos musicais também são adornados com fitas de cetim coloridas. A atmosfera calorosa da paleta de cores é proporcionada pela combinação de tons. São cores que convidam à celebração. As bandeirinhas, por exemplo, utilizadas como ornamento, tornam-se símbolos icônicos com suas diversas formas e cores, evocando memórias e proporcionando uma leitura do ritual como local e objeto de afeto, inclusive em

outras festas, como a festa junina.



Figura 6. Karina Sousa, Folia, 2023, Fotografia digital.
Fonte: Fotos da artista.

Damos especial atenção às respostas fisiológicas e emocionais das pessoas diante das cores durante a Folia de Reis. Nosso objetivo é entender como as escolhas cromáticas afetam os participantes em níveis sensoriais, desempenhando um papel crucial na formação da experiência visceral e emocional da celebração.

5. Considerações finais

Este estudo não apenas buscou compreender, mas também enfatizar a significância das cores no processo de concepção e perpetuação da tradição da Folia de Reis. As cores transcendem sua função meramente estética, emergindo como elementos-chave na construção de significados culturais, históricos e espirituais nessa manifestação festiva. A abordagem adotada foi interdisciplinar, integrando áreas como fotografia, história da arte, antropologia cultural e estudos visuais. Essa abordagem permitiu uma análise da complexidade da Folia de Reis na região do Triângulo Mineiro.

Neste conjunto breve de imagens, buscamos evidenciar a riqueza cultural intrínseca à celebração da Folia de Reis, abordando suas múltiplas facetas, das quais a cor emerge como um elemento de significativo peso. Ao considerar a relevância atribuída à cor na esfera societal, o propósito deste artigo reside na interpretação das variáveis pelas quais a cor exerce sua influência na dinâmica festiva. Esta análise parte dos princípios históricos da Folia de Reis, culminando na investigação da relação direta entre a cor, a expressão artística e a construção simbólica. Ao longo da

pesquisa, sustentamos a perspectiva de que as cores desempenham um papel silencioso, porém notavelmente significativo, na construção de representações culturais festivas.

Referências

BARROS, Artur César Ferreira de; REZENDE, Carmen Luiza de. **Companhias de Reis de Ribeirão Preto** - relatos de devoção e fé. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2011. (Coleção Identidades Culturais, n.5)

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

COUTINHO, Afrânio. **Conceito de Literatura Brasileira**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1993.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa-Preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dumará, 2002.

GINZBURG, Carlo. **Os fios e os rastros**. Verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

LOTMAN, Yuri. **Cultura y explosión**: Lo previsible y lo imprevisible en los procesos e cambio social. 1 ed. Madrid: Gedisa, 1999.

MACHADO, Arlindo. A Fotografia como expressão do conceito. **Studium**, Campinas, n. 2: 1-11. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/doi/1.htm> Acesso em: 22 dez. 2014.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Circunstâncias e ingerências da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (org). **Educação da cultura visual**: conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011.

MONEGAL, Emir Rodrigues. Carnaval/Antropofagia/Paródia. **Revista Iberoamericana**, v. 45, n. 108, 1979. Disponível em: <https://doi.org/10.5195/reviberoamer.1979.3388>. Acesso em: abr. 2023.

PEDROSO, Carlos. **Folia de Reis**: folclore encantado. Uberaba: C. Pedroso, 2003.

SILVEIRA, Luciana Martha. **Introdução à Teoria da Cor**. 2 ed. Curitiba: Editora UTFPR, 2015.

Sobre a autora

Karina Sousa é artista, tem a fotografia como linguagem. Doutora pelo programa de Pós Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica - PUC/SP (2023). Mestre em Artes, no programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Uberlândia - UFU (2018), na sub-área Artes Visuais na Linha de Pesquisa Práticas e Processos em Artes. Bacharela em Fotografia pelo Centro Universitário SENAC (2014). É pesquisadora vinculada ao Núcleo de Pesquisa em Pintura e Ensino - NUPPE/UFU, na linha de pesquisa "Estudos Cromáticos", e também, do grupo Comunicação, Cultura, Barroco e Mestiçagem, vinculado à PUC/SP.

kalvessousa@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/0872655558565311>

<https://orcid.org/0009-0009-8294-9570>

Recebido em: 22-11-2023

Como citar

SOUSA, Karina (2023). Entre camadas e cores: o processo de significação na Folia de Reis. Revista Estado da Arte, Uberlândia. v.4, n.2, 2023 p.XX-XX, jul./dez. <https://doi.org/10.14393/EdA-v4-n2-2023-71548>



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.